



## AS MULHERES NA ESCRITA DE ROBERTO ARLT: EXCLUSÃO E INVISIBILIDADE NA BUENOS AIRES DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Jury Antonio Dall'Agnol<sup>1</sup>

### *Arlt e a cidade*

A relação de Roberto Arlt com a cidade de Buenos Aires é intrínseca. Ele é muito mais que um simples observador do alvorecer do século XX no cotidiano caótico da capital *porteña*, com certeza, muito mais que isso. Arlt, com sua gula singular por tudo que corria as margens da sociedade tradicional, devorou casarões finisseculares pomposos, *conventillos* sujos, cafés, prostíbulos, os ladrilhos das ruas pisoteados por senhores de casaca e mendigos esfarrapados, por damas de vestidos rodados e prostitutas de decotes fartos; e assim, como quem saboreia *una media luna* no balcão de uma confeitaria qualquer, digeriu essa amálgama de pessoas, de ruas, metamorfoseando a cidade de Buenos Aires em seu alimento, em seu sangue. E desses víveres, desse sangue contaminado com tudo que vai pelas calçadas e habitações *porteñas* veio ao mundo sua escrita.

É sabido que Arlt escreveu romances, peças de teatro e crônicas, e que estas últimas, materializadas nas afamadas *Aguafuertes porteñas*, escritas entre 1928 e 1933 no *El Mundo* de Buenos Aires, foram muitas vezes o caminho ou a inspiração para muitos de seus livros. Textos breves que traduziam um olhar aguçado e um leitor atento. Digo leitor porque nem tudo que Arlt escrevia provinha somente de suas observações acerca da cidade e seus habitantes, mas também, de uma enorme quantidade de correspondências que atulhavam sua mesa de trabalho no *El Mundo*. Nestas cartas, de leitores dos mais variados tipos, do trabalhador operário até o comerciante e o médico, os leitores de Arlt compartilhavam suas angústias e alegrias com o periodista tornando-o um confidente e ao mesmo tempo um relator. Roberto Arlt, por sua vez, não se apropriava deste material atribuindo-lhe todos os créditos, mas sim, primava por citar e agradecer seus leitores correspondentes pelo apreço ou pelo desprezo que sua escrita causava. A exemplo deste relacionamento, o recorte da *Aguafuerte porteña* abaixo, intitulada **A mulher que joga na loteria**, demonstra a relação do autor com seus “leitores colaboradores”:

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGH/UFSC. Este artigo é um pequeno recorte da minha pesquisa de mestrado que tem como mote a experiência urbana através da literatura nas obras de João do Rio e Roberto Arlt. E-mail: jurydallagnol@gmail.com.



Tenho um montão de cartas, aqui na escrivadinha. São de leitores que tem a gentileza de me escrever dizendo que gostam de meus artigos, pelo qual me alegro; também me escrevem dizendo que não gostam de meus artigos, pelo qual me alegro; Também me escrevem mandando temas para as “águas-fortes”.

Assim, um senhor Jorge Saldiva, me envia uma carta sobre um quebra molas, que é quase uma nota e que verei se plagio um dia destes; outro, um cavalheiro Juan Arago, e que pelo visto tem muita imaginação, me dá argumento para quatro notas, que são:

O homem que conversa com o vigilante; a mulher que joga na loteria; o chefe-cachorro, que é mansinho com sua Sesebuta e o homem que chega de fora para se radicar na cidade.

Nem é preciso dizer que agradeço estes senhores que, ao contrário de outros, perceberam que o tipo portenho existe, e com características que talvez variem muito das dos homens de outros países.<sup>2</sup>

Mas a outro fator, além da capacidade de Arlt de ver e sentir as mudanças que ocorriam na sociedade argentina no início do século XX e escrevê-las com maestria, que fez as *Aguafuertes porteñas* tornarem-se tão populares: até 1930, durante as décadas prósperas da Argentina, o nível de alfabetização da população chegava a quase sua totalidade, visto que, nesse período, a maioria das pessoas da classe operária freqüentava a escola. Segundo José Luis Romero:

[...] na década de 1880, o grande instrumento foi a educação primária, e para esta se voltaram os maiores esforços. Segundo a Lei 1.420 de 1884, o ensino primário era laico, gratuito e obrigatório. Tomando o lugar da Igreja e das comunidades, que muito haviam avançado nesse campo, o Estado assumiu toda a responsabilidade: com a alfabetização, garantia a instrução básica comum para todos os habitantes e, ao mesmo tempo, a integração e nacionalização de filhos de estrangeiros.<sup>3</sup>

Essa forte campanha para a instrução da população tem seu limiar no intenso processo de imigração europeu que o país absorveu, principalmente a capital federal Buenos Aires. A Argentina moderna, que caminhava para uma consolidação nacional após as diversas pelejas internas entre as províncias, agora teria que lutar contra outro “inimigo”: a língua estrangeira. Certamente a ocupação do território atual argentino é um produto da grande imigração européia que levou milhões de trabalhadores aos pampas argentinos no decorrer do século XIX e, junto com eles, sua língua *mater*. Osvaldo Coggiola assinala que:

[...] 160.000 estrangeiros lá aportaram entre 1861 e 1870, e o número de imigrantes chegou a 841.000 de 1881 a 1890, e a 1.764.000 de 1901 a 1910. No total, de 1857 a 1930, o *deserto argentino* recebeu 6.330.000 imigrantes, o que, levando-se em conta o retorno dos trabalhadores sazonais (ou golondrinas), deixa um saldo de 3.385.000 imigrantes. A Argentina contava, logo no seu primeiro recenseamento em 1869, com 1.737.000 habitantes. Isso demonstra o peso da imigração na formação da Argentina moderna, através de uma transfusão de população que foi, em termos relativos, a mais intensa do Novo Mundo (incluindo os Estados Unidos).<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. **Tradução de águas fortes portenhas, de Roberto Arlt**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Área de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano Americana. São Paulo, 2001. p. 316.

<sup>3</sup> ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Tradução de Edmundo Barreiros. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2006. p. 25.

<sup>4</sup> COGGIOLA, Osvaldo. **Buenos Aires, Cidade, Política e Cultura**. Revista Brasileira de História. Vol. 17, n. 34. São Paulo: 1997. p. 02.



Ávidos por riqueza e ascensão social, os imigrantes demonstraram uma grande flexibilidade e adaptação às condições do mercado de trabalho, principalmente na década de 1880, quando se concentraram nas grandes cidades, para a construção de obras públicas e da remodelação urbana. Para Ricardo Falcón essa massa de trabalhadores imigrantes estava:

[...] disposta a aceitar qualquer tipo de trabalho, a trabalhar em qualquer tipo de condições e com qualquer salário. Como se dizia na época, só os índios eram capazes de trabalhar em condições piores do que aquelas aceitas pelos italianos. Mas diferentemente dos índios, o que levava boa parte dos italianos a aceitarem qualquer trabalho era a tendência à 'autodisciplina' do trabalho motivada pela expectativa de ascensão social. Efetivamente, graças a essa atitude, aceitando as piores condições de trabalho e uma situação de quase subconsumo, alguns desses imigrantes conseguiram forjar pequenas economias que lhes permitiram adquirir outra posição social.<sup>5</sup>

Também neste mesmo período a um crescimento da classe média, decorrente dessa leva de imigrantes que chegavam ao país com algum capital, e que, decorrido um período de trabalho intenso, o transformava em pequena fortuna. Outro fator para esse acontecimento da sociedade urbana também coincidiu com a entrada das cidades sul-americanas no processo capitalista mundial, distinguido e assinalado por José Luis Romero como o das *cidades burguesas*, onde

[...] o fenômeno social mais surpreendente e significativo das cidades que se transformavam ao calor das mudanças econômicas foi o crescimento e uma certa transmutação das classes médias. Certamente não faltavam classes médias antes. Elas eram constituídas por comerciantes, profissionais liberais, burocratas, militares, clero, e funcionários. Mas em todos esses setores houve uma expansão que criou novas possibilidades e expectativas. A cidade era, fundamentalmente, um centro intermediário, e as necessidades dessa função multiplicavam as da própria produção. Mais burocracia, mais serviços, mais polícia, mais militares e mais funcionários se faziam cada vez mais necessário.<sup>6</sup>

O crescimento ininterrupto de Buenos Aires ao final do século XIX e início do XX é espelhado grande parte neste conjunto de fatores: formação de uma nacionalidade, imigração em massa e entrada da argentina no circuito capitalista mundial. Tudo isso levou essa cidade a adentrar a modernidade com grande apreensão entre os seus governantes, pois, a visão do descontrole demográfico e urbano ao mesmo tempo em que poderia suscitar progresso, também poderia se concretizar em uma ameaça de hecatombe social iminente, e, para isso não acontecer, era necessário aos olhos dos dirigentes uma ordem urbana e popular.

Assim, a profusa literatura de Arlt se afez em marcar por meio da escrita as constrições sociais das trajetórias de homens e mulheres que estavam submetidos a esta ordem urbana e popular, como se fora seu desígnio exclusivo dar voz aos cidadãos da capital argentina. Voz essa que muitas vezes chegou até ele por meio de um número considerável de cartas. Desse modo, Arlt

<sup>5</sup> FALCÓN, Ricardo. **El Mundo del Trabajo Urbano**. Buenos Aires: CEAL, 1986, p. 115.

<sup>6</sup> ROMERO, José L. **Latinoamérica: las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976, p. 273.



não teria se afirmado por força apenas do gênio literário que detinha, e cuja origem subsistia na penumbra das ruas. Os artífices da legenda arltiana converteram crônicas e ficções em atos de escrita que deliciava os leitores através de uma crítica a classe média, uma literatura arraigada a práticas sociais, que buscava constituir um repertório em cima de uma crítica a sociedade predominante. De acordo com Sylvia Saítta:

[...] su mirada sarcástica ante un mundo donde los valores se han perdido, ridiculiza no sólo al comportamiento de cada uno de los tipos porteños, sino que pone en cuestión la organización de todo el sistema sobre el cual está basada la ética social.<sup>7</sup>

A observação de Saítta é muito válida, pois, cabe assinalar que os textos não visam criticar a população pobre e marginalizada; Arlt dirige seu olhar analítico a burguesia, a parcela da população que queria dar a impressão de riqueza e status social nobre, onde as aparências contavam mais que a realidade econômica. É por ensejo da amostra da hipocrisia que rola a solta na sociedade argentina e do desejo contundente de tornar-se burguês que Arlt estreita laços com os menos favorecidos, e, através das *aguafuertes*, dirige muitas vezes seu olhar a um personagem que participa e é vítima deste sistema burguês e patriarcal, um ator social que mesmo sofrendo com a invisibilidade e exclusão, seja no seio da família ou no local de trabalho, define seu papel fortemente dentro da sociedade.

#### *Arlt e as mulheres*

O século XIX havia deixado uma herança pouco agradável às mulheres do século subsequente: a mulher deveria comportar-se e agir de forma passiva e vulnerável, pois, o sistema patriarcal não via com bons olhos qualquer desvio da mulher como esposa e mãe. Uma atitude invulgar ou de insubmissão poderia ser considerado problemático.

Arlt estava atento a este espólio deixado a figura feminina por tempos remotos, até porque, estas atitudes categóricas e repressoras não haviam mudado muito em sua época. A categorização sofrida pelas mulheres sugeria que a mulher independente era anormal e apresentava uma ameaça às tradições da sociedade. No entanto, várias dessas mulheres eram, muitas vezes, os pilares de sustentação da família, contribuindo extremamente com a renda familiar através de sua mão de obra. Segundo Luis Vitale:

---

<sup>7</sup> SAÍTTA, Sylvia. **Roberto Arlt y las nuevas formas periodísticas**. *Cuadernos Hispanoamericanos* Supp. 11 (1993): 56-69.



Durante las dos primeras décadas del presente siglo, la mayoría de las mujeres siguió trabajando en las explotaciones de tipo familiar y en las pequeñas empresas artesanales. Las modistas y costureras realizaban trabajo a domicilio, encargado por las incipientes fábricas textiles. El Censo de 1914, realizado en Argentina, comprobó la existencia de las siguientes ocupaciones femeninas: costureras 142.644, lavanderas 79.059, modistas 45.127, tejedoras 28.088, mucamas 28.088, cocineras 49.200, maestras 21.961, parteras 2.140, empleadas de comercio 9.240, telefonistas 1.101.8

A partir destes dados, voltamos mais uma vez a crítica de Arlt para com a sociedade hipócrita e tradicional. Mesmo com as mulheres atuando como pilares na sustentação da família, ainda assim, seu papel é secundário no seio desta, onde o principal gestor continua sendo o homem. A contribuição feminina é valiosa para o sustento dos seus, porém, é minimizada por uma sociedade que a vê somente com o dever de educar e criar seus filhos para a nação. Arlt enxerga essas várias mulheres – a costureira, a lavadeira, a modista, a dona de casa, etc. – e tece em seus escritos a repulsa por aquelas que desejam, que se pregam a imitar a ideologia burguesa, ou seja, uma família com filhos, cômoda economicamente, educada, e decente; todavia também volta seus olhos para aquelas que apresentam outras dimensões: como trabalhadoras e as que participam do sistema político e econômico. Nas palavras de Victoria Martínez:

Lo que parece ser un ataque contra la mujer está arraigado en un ataque más general, es una crítica fuerte contra todo lo que encarna esa actitud de la mujer "moderna" que toma parte en crear la "nación"; y contra la actitud aparatosa de mujeres en posiciones sociales más humildes que imitan la clase media. Arlt ataca a los ricos y a los obreros que participan en los juegos de "apariencias" o que aspiran a ser más "finos".<sup>9</sup>

As *Aguafuertes porteñas* são representações simbólicas da sociedade argentina e de seus sujeitos, nelas pode-se notar perfeitamente as ideologias e as instituições que o autor intenta criticar. Contudo, muitas vezes o teor crítico dos textos pode levar a uma compreensão equivocada do pensamento de Arlt acerca da posição das mulheres perante a sociedade, por suposto, pode se entender que o autor compartilha das ideologias burguesas e que seus escritos só vêm a perpetrar ainda mais um conceito em voga. Porém, creio que esta idéia seja débil. O que Arlt designa fazer é mostrar através de seus textos que a culpa da mulher ser submissa, fútil e sonhadora não é dela própria, mas sim da sociedade que emana opiniões para tal. Para Martínez:

Aunque es posible decir que Arlt trata a la mujer desde una perspectiva patriacal, se sabe bien que él no concuerda con la ideología burguesa. Así, si desprecia la burguesía, es lógico pensar que tampoco apoya los ideales patriarcales. También hay que tener en cuenta que Arlt promulga derechos para la mujer, derechos negados por el gobierno argentino. En contraste con las actitudes predominantes, no teme a la mujer capaz e independiente. De esa manera, es posible concluir, como ya mencioné, que Arlt está muy consciente de la

<sup>8</sup> VITALE, Luis. *Historia y sociología de la mujer latinoamericana*. España: 1ª ed. 1981. p. 14.

<sup>9</sup> MARTÍNEZ, Victoria. "*Roberto Arlt y las mujeres en las Aguafuertes porteñas*." *Ciberletras* 3. 20 de agosto del 2008. p. 03.



mitificação burguesa; y lo que hace es utilizar los varios "mitos" para mostrar que las demandas de la sociedad contra la cual escribe la convierten en una entidad peligrosa y desagradable. La culpa no es de la mujer sino de la sociedad.<sup>10</sup>

Em conformidade com este pensamento e para ilustrar a idéia até agora defendida, três fragmentos de textos das *Aguafuertes* podem dar uma visão mais clara do que Arlt pretendia com seus escritos porque, mesmo provindos de datas diferentes, se ligam de forma contundente para desaguar na mesma crítica. O primeiro, intitulado **A Moça da Trouxa**, de 19/11/1929, mostra a figura sofredora e submissa da menina/moça/mulher – difícil definir onde começa uma e termina outra, a vida a qual vive não lhe dá o direito de vivenciar as fases do crescimento comum a todos os seres humanos. Desde pequena, já no limiar dos seus sete ou oito anos, está na labuta diária; seja cuidando dos irmãos mais novos ou debruçada sobre um afazer doméstico qualquer, é o mourejar que ocupa seus dias. Assim:

[...] até os quatorze anos. Depois, o trabalho de ir buscar costuras; manhãs e tarde inclinadas sobre a Neumann ou a Singer, fazendo passar todos os dias metros e mais metros de tecidos, e terminando as quatro da tarde, para se trocar, colocar o vestido de percal, preparar o embrulho e sair; sair carregadas e voltar do mesmo jeito, com outro pacote que é “preciso passar na máquina”. A mãe sempre lava a roupa, a roupa dos filhos, a roupa do pai. Estas são as moças que aos sábados a tarde escutam a voz do irmão, que grita:  
- Ei, Angelita. Passa logo a camisa que eu tenho que sair.  
E Angelita, Maria ou Juana, na tarde de sábado trabalham para os irmãos.<sup>11</sup>

E desse modo vão passando a infância e a adolescência, trabalhando. Até que certo dia, afinal o tão esperado dia, a família resolve que ela tem que se casar, e neste momento ela espera do irmão a retribuição pelas camisas passadas nos sábados. Sim, porque a família trabalha para que o irmão estude e torne-se doutor ou militar. A preocupação quanto a formação, o título, a placa na porta que alçará substancialmente o nome da família a um status social mais elevado é a temática de outra *Aguafuerte* de epíteto **Persianas Metálicas e Placas de Doutor**, de 15/10/1930, no qual Arlt tece:

O título... a placa na porta... Este, o sonho da casa própria e do automóvel particular constituem uma das preocupações mais sérias dos lares bem constituídos. Agora, se alguém me perguntar em que consiste um lar bem constituído, de acordo com o critério estritamente burguês, [...] diria que o lar bem constituído seria aquele onde a seleção de trouxas, [...] se faz com perfeito critério científico. Este critério científico impede, por exemplo, que uma menina tenha família antes de se casar, nem que escape com um magnífico pê-rapado. Ou que se case com um maltrapilho.<sup>12</sup>

E as mocinhas casadoiras inflam o ego porque tem uma placa na porta, um irmão doutor, e, assim, vão classificando seus candidatos a seu bel prazer; imbuídas da certeza hipócrita de que

<sup>10</sup> MARTÍNEZ, *ibid.* p. 04 e 05.

<sup>11</sup> RIBEIRO, *ibid.* p. 181.

<sup>12</sup> RIBEIRO, *ibid.* 251.



fazem parte de uma fina flor social só por morarem em uma casa com jardim florido e janelas com persianas metálicas; e, que, por isso mesmo, não podem se casar com qualquer um. Arlt também registrou na crônica **Atenti, meu bem, que o tempo passa!**, de 03/09/1930, a empáfia da mocinha que não tem interesse por um tipo, decerto, por achar que coisa melhor a espera:

Hoje, enquanto vinha no bonde, espiava uma juvenzinha que, acompanhada do namorado, punha uma cara de estar fazendo um favor a este, permitindo que estivesse ao seu lado. Em toda a viagem não disse outra palavra que não fosse sim ou não. E para economizar saliva movia a cabeça como uma besta de carga. O pato que a acompanhava ensaiava toda a arte de conversa, mas à toa; porque a moça se fazia de difícil e olhava para o espaço como se procurasse alguma coisa que fosse menos banana que o acompanhante. Te adivinho o pensamento, costureirinha. É este: “Pode aparecer outro melhor”...<sup>13</sup>

Estes três fragmentos textuais de Arlt aludem caracteristicamente a uma figura feminina criada dentro de padrões culturais que agregam valores burgueses que estão longe de estarem presentes no interior destas famílias pobres, no entanto, estas características são enraizadas de tal modo, que esta mulher operária, que almeja ser burguesa, aparece como hipócrita, obcecada pelas aparências, pelo dinheiro e pelo casamento. Por mérito próprio torna-se coadjuvante na sociedade, a sua invisibilidade e a sua exclusão se dá não só por estar presente em uma sociedade patriarcal, mas também porque a sua forma de pensar e atuar na sociedade a coloca em segundo plano. Para Arlt, é uma figura que apesar da educação é mentirosa e tonta, pois se preocupa única e exclusivamente com bens materiais e o matrimônio.

No entanto, não se pode afirmar que Roberto Arlt generalize a ponto de todas as mulheres argentinas estarem no mesmo patamar destas citadas até o momento. Para Victoria Martínez:

En contraste, las pocas mujeres sinceras, francas e inteligentes son las que Arlt admira, en su mayoría pertenecen a la clase baja y están, como sus contrapartes masculinos, atrapadas en un sistema que humilla y desprecia al inmigrante, al pobre, y al que no puede cruzar la barreras sociales en Argentina.<sup>14</sup>

A ordem capitalista urbana que adentrou a cidade de Buenos Aires não deixou impune nenhum de seus habitantes, enquanto alguns continuavam chafurdando em empregos subalternos e insalubres, uma parcela da população aderiu a prática de uma mitologia burguesa que prometia uma vida feliz para todos através da mera probabilidade de conforto material e do casamento entre pessoas “decentes” e belas. O que Arlt faz em suas *Aguafuertes* é desmitificar o ideal burguês. Nas palavras de Martínez:

<sup>13</sup> RIBEIRO, *ibid.* p. 231 e 232.

<sup>14</sup> MARTÍNEZ, *ibid.* p. 09 e 10.



Los ensayos de Arlt destruyen este mito y develan la realidad hipócrita y materialista de la burguesía. De esa manera, la mujer figura como víctima de una creación mítica que exige un comportamiento imposible, y que la atrapa en reglas de conformidad que la transforman en una figura monstruosa o patética.<sup>15</sup>

A escrita de Arlt nas *Aguafuertes porteñas* é uma rua de mão dupla. Roberto Arlt é escritor e leitor. Das cartas que abarrotam sua mesa no *El Mundo* o autor suga o alimento que o faz “perder a linha” nas linhas da sua escrita. Elogia, critica, analisa, ri dos diferentes tipos *porteños* que andam pelas ruas ululantes de Buenos Aires, entre eles, as mulheres, de todos os tipos, a esposa e mãe, a operária, a irmã... Para Arlt a mulher se constitui em mais um personagem que ele ocupa para criticar a ideologia burguesa, uma figura dramática que o autor utiliza para alertar os leitores acerca dos perigos de seus pensamentos e de seus comportamentos.

### *Bibliografia*

COGGIOLA, Osvaldo. **Buenos Aires, Cidade, Política e Cultura**. Revista Brasileira de História. Vol. 17, n. 34. São Paulo: 1997.

FALCÓN, Ricardo. **El Mundo del Trabajo Urbano**. Buenos Aires: CEAL, 1986.

MARTÍNEZ, Victoria. "**Roberto Arlt y las mujeres en las Aguafuertes porteñas.**" Ciberletras 3 (Agosto 2000). 20 de agosto del 2008. <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v03/Martinez.html>

RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. **Tradução de águas fortes portenhas, de Roberto Arlt**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Área de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano Americana. São Paulo, 2001.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Tradução de Edmundo Barreiros. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2006.

ROMERO, José L. **Latinoamérica: las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.

SAÍTTA, Sylvia. **Roberto Arlt y las nuevas formas periodísticas**. *Cuadernos Hispanoamericanos* Supp. 11 (1993).

VITALE, Luis. **Historia y sociología de la mujer latinoamericana**. España: 1ª ed. 1981.

---

<sup>15</sup> MARTÍNEZ, loc. cit. p. 10.